

# Um olhar sobre a cidade em “O pífano e as árvores”, de Ricardo Ramos

*A look at the city in “The fife and the trees” by Ricardo Ramos*

Francisco Renato de Souza<sup>1</sup>

## Resumo

Em “O pífano e as árvores”, Ricardo Ramos, através do confronto entre campo e cidade, presente e passado, estabelece uma comparação entre transformação urbana e utopia rural, no paralelo que o personagem trava entre a sua condição real e presente, marcada pela insatisfação causada por sua percepção negativa do ambiente que o rodeia, a cidade moderna, e a lembrança já desfigurada pelo tempo e espaço de um mundo experimentado por seus antepassados. O personagem estabelece um comparativo entre a confrontação de sua observação do mundo urbano – representado pelo ritmo de vida da cidade moderna, ambiente de coletividades indefinidas, marcado por relações transitórias e fugazes que geram relações de indiferença entre os seus habitantes, resultando em indivíduos massificados e destituídos de identidade e na degradação e esfacelamento social –, e a rememoração de lembranças que se estabelece em seu monólogo interior. Nessa dualidade entre o físico e o emocional, presente e passado, mundo urbano e mundo rural, o personagem vai além de um mero posicionamento nostálgico ao buscar a possibilidade da experiência passada no presente como forma de resgate de uma continuidade já rompida ou em vias de rompimento, na tentativa de restabelecer sua identidade.

**Palavras-chave:** Cidade. Memória. Tradição. Resgate.

## Abstract

In “O pífano e as árvores”, Ricardo Ramos, through the confrontation between the country and the city, the present and the past, establishes a comparison between urban transformation and rural utopia, in a parallel that the character sets between his present and real condition, marked by the dissatisfaction caused by his negative perception of the surrounding environment, the modern city, and the souvenir already deformed by the time and space of a world which was experienced by his ancestors. The character sets a comparative degree between the

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela UNIFOR, Mestrando da UFC, Bolsista da FUNCAP. E-mail: paconato@hotmail.com.

confrontation of his urban world view – represented by rhythm of the life in the modern city, environment of indefinite collectivities, marked by transitory and fugacious relationships that generate unconcerning relationships among its inhabitants, resulting in the standardizing of patterns and the lack of identity for individuals and also in the degradation and social sphacelation –, and the recollection of souvenirs in their internal monologue. In this duality between what is physical and emotional, present and past, urban and rural, the character goes beyond a mere nostalgic position when he searches for the possibilities of the past experience in the present as a way of rescuing a already broken continuity or in via of rupture, in the attempt of re-establish his own identity.

**Keywords:** City. Memory. Tradition. Rescue

## Introdução

O olhar do homem sobre a cidade moderna é a concepção do que Antônio Cândido (*apud* CHIAPPINI, 2001) denomina de “uma aventura livre do olhar”. Tendo como base o livro da escritora argentina Beatriz Sarlo, *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920/1930*, no qual a escritora estabelece uma equação entre transformação urbana e utopia rural, a partir da visão que três homens, os arquitetos Wladimir Acosta e Le Corbusier e o romancista Roberto Arlt, têm da cidade de Buenos Aires, Cândido estabelece o que denomina “visão urbana pura” e “visão urbana impura”.

Para ele, pura seria a visão que os três homens apontados por Beatriz têm da cidade, no sentido de que nascem de um contato único com esta, sem ligações com o seu passado, tendo pela frente somente a cidade como ela se apresenta no momento de sua contemplação e nada mais. A visão impura seria, então, aquela que mistura a mirada urbana atual com outras miradas possíveis: “Estas seriam as dos que têm experiências não apenas da cidade com a qual estão travando contato direto, mas que conhecem o seu passado; ou aqueles que conhecem o campo e sabem ver a cidade a partir dele.” (CANDIDO *apud* CHIAPPINI, 2001, p. 240)

## 1. O resgate da memória

O olhar sobre a cidade, mirando o passado e o universo rural, é a base do conto de Ricardo Ramos (2001), “O pífano e as árvores”. Nele, o personagem percebe a si e ao ambiente que o cerca, ao empreender uma busca ao passado através da memória, paralela à sua angustiante perplexidade frente à sua realidade de mundo: uma cidade que se lhe apresenta súbita e profundamente insatisfatória. Morando no vigésimo quinto andar de um prédio de uma grande metrópole, é despertado por um som que logo cessa: o som de um pífano. Nunca

ouvira esse som. Conhecia-o dos relatos do avô já morto, de um tempo distante em uma pequena cidade do interior. Hesitava sobre a veracidade do som, menos por desconhecê-lo do que pela impossibilidade de a experiência acontecer no tempo presente e no espaço de concreto da cidade desprovida de árvores:

A história se dava bem com uma cidade pequena, de casas e jardins, calçadas estreitas, as copas das árvores dançando ao vento. Um caso de avô morto estava bom, natural porque distante. Mas não aqui, neste andar a oitenta metros de altura, não agora, nesta capital de avenidas e trânsito, não sem calçadas de povo e árvores de sombra, as ruas nuas, as redondezas só prédios plantados (RAMOS, 2001, p. 90).

A impossibilidade de a experiência eminentemente rural acontecer no ambiente urbano revela o choque do encontro entre as culturas, que se estabelece quando a relação campo-cidade mostra-se impraticável. O campo, no entanto, não se apresenta como contraponto apenas espacial, sua representação acontece na memória do personagem, remetendo-o também a um choque temporal. A possibilidade de a experiência do som do pífano acontecer no tempo e espaço presentes se apresenta como uma forma de o personagem reatar um elo entre si e sua origem. E assim, alterado pela mistura de “tons, de tempos”, mesmo que “todavia a manhã familiar e urbana”<sup>2</sup>, desvia-se de sua rotina e segue pelas ruas da cidade à procura da origem do som, em uma busca simbólica: “Andou feito um regresso, não sabido mas vindo ao seu encontro” (p. 91).

A busca do personagem se alicerça nos repetidos relatos do avô, confirmados pelo pai, mas perdidos em um tempo e cidade distantes. Da própria recordação, só umas parcas e desconfortáveis visitas feitas à cidadezinha, quando criança. Recordações que se lhe iam apresentando, no decorrer da sua procura, através do confronto com a cidade de concreto que habitava: “Uma cidade que o fazia esquecer a outra, cidadezinha de um pequeno avô, ainda encontrada pelo pai, mas dele já perdida” (p. 93). O distanciamento dos fatos narrados no tempo e a imprecisão das lembranças infantis aumentavam sua incerteza perante a empresa que ora empreendia e que se chocava com seu cotidiano estruturado e previsível: “Ele não se recordava, não podia, aquilo viera de outros, de avô e pai, chegara sem aviso ou explicação” (p. 95). Sua incerteza era fruto desse distanciamento, que cria um abismo nas relações entre as gerações, impedindo a

---

<sup>2</sup> RAMOS, 1989, p. 34. A partir daqui, as referências ao conto “O pífano e as árvores”, da obra *Melhores contos de Ricardo Ramos*, serão indicadas apenas com o número das páginas entre parênteses.

rica experiência da transmissão de sabedoria, através do relato oral, passada dos mais velhos aos mais jovens.

O hiato de gerações é uma das causas da ausência narrativa no mundo moderno. Afastados uns dos outros pelas longas distâncias e pelo ritmo frenético da vida citadina, a arte de contar histórias, preterida pela avalanche de informações dos meios de comunicação, é um hábito perdido entre os homens. A ausência da passagem de sabedoria pela experiência relatada como empobrecimento do homem moderno focada no conto extrapola o enredo para uma reflexão metalinguística: a ausência de narrador leva à ausência de narrativas, comprometendo a estrutura romanesca (BENJAMIN, 1994, p. 197), conteúdo e contingente, assim, são reflexos de uma alienação derivada do acelerado ritmo moderno, como reflete Adorno: “Pois contar algo significa ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela estandardização e pela mesmice” (ADORNO, 2003, p. 56)

Esse distanciamento causado pelo desenvolvimento descontrolado dos grandes centros e seu ritmo alucinado de vida é refletido na transformação causada no comportamento do homem através das gerações. Quanto mais se distancia mais se acentuam traços de inconstância emocional que marcam a geração que trava contato direto com as condições de vida oferecidas pela convivência na cidade moderna: “O avô era calmo, pausado. O pai nem tanto, um homem com altos e baixos. Quanto a ele, o atual, programado, e apesar ali descompassando” (p. 96).

Seu descompasso ia se dando em meio à avalanche de lembranças que tentava recompor. Das poucas recordações da pequena cidade do avô, as árvores, com suas copas frondosas e escuras sombras, são a lembrança mais marcante. Sendo o local ideal para um tocador de pífano, tornam-se o motivo de sua busca. Ao tentar encontrar os elementos de sua lembrança própria com aquelas deixadas pelos relatos do avô, em uma experiência no momento e espaço presentes, o personagem não se volta ao passado com uma mera posição nostálgica, e, sim, tenta resgatar uma continuidade já rompida, ou em iminência de rompimento, como forma de resguardar uma identidade, através da historicidade. Mais do que simplesmente uma lembrança do passado, a experiência se daria como forma de resgatá-lo, salvando-o no presente através de uma semelhança que transforma ambos, como afirma Jeanne Marie Gagnebin:

Transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos,

inscrita nas linhas do atual (GAGNEBIN *apud* BENJAMIN, 1994, p. 16)

Ela ressalta ainda que, para Benjamin, a experiência transmitida pelo relato dever ser comum ao narrador e ao ouvinte (GAGNEBIN *apud* BENJAMIN, 1994, p. 10). Dessa forma, o personagem busca, assim, a possibilidade de vivenciar pessoalmente uma experiência comum à coletividade do avô: “Todos ouviam sem ver, rapaz não fora o único” (p. 90), perseguindo nessa busca um sentido que já não encontra na vida na sociedade moderna. Como um Teseu desorientado – em um comportamento característico do herói moderno -, busca “uma razão escondida, perdida, um fio qualquer vindo de antes, de longe, e que ligando lembranças lhe escapara” (p. 93), perdendo-se no emaranhado de vias da cidade que desemboca em outras cidades, que apesar de distintas são iguais, cenários de concreto, alumínio e vidro que se espalham para além dos limites metropolitanos.

## 2. O labirinto da cidade

Benjamin (1989, p. 203) já dissera: “A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto.” Eco do mítico labirinto, a cidade moderna surge como sua conotação pela complicação de seu plano e dificuldade de seu percurso (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003, p. 530), um entrecruzamento de caminhos que enreda seus habitantes em suas malhas, prendendo-os no seu denso espaço que vai além dos limites da própria cidade. Produto do desenvolvimento técnico do próprio homem, a cidade como conotação do labirinto aponta para seu criador a conotação de um Dédalo moderno, símbolo da engenhosidade, do tecnocrata abusivo, do aprendiz de feiticeiro fantasiado de engenheiro que não conhece o seu poder (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003, p. 327), e termina por ser presa de sua própria criação: “Cruzou a praça, sorrindo de triste. Esse o mundo em que vivia. Esta a cidade que fizera. Ele, decerto, por aceitar e descuidado e nunca duvidar. Uma cidade à sua imagem, alta, vertical, cinzenta, sem chão nem verde” (p. 92).

Entretanto, como mostra Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 64), o labirinto da cidade inverte a interpretação original do mito ao não oferecer caminhos como trilhas para se chegar a um centro, e, sim, como marcas de dispersão. Por isso a perplexidade do homem ao se aventurar por esse intrincado desenho da cidade-labirinto, envolvido nas intermináveis ramificações e que não sabe qual caminho tomar. A repetição constante do cenário, com pequenas variações de formato, que, no entanto, se mostrava semelhante por ser circunscrito e fechado, leva o personagem a uma peregrinação em rodeios, refletindo sua indecisão e irresolução: “O labirinto é a pátria do hesitante”, diz Benjamin (1989, p. 162), e

essa hesitação por entre o espaço físico leva o personagem a reflexões sobre si e sua condição, ao ver sua identidade imiscuída na da cidade: “A cidade, crescida, adulta e de agora, era ele feito presente. Um indivíduo, ele e sua identidade. Ele, sim, mas que identidade?” (p. 95). Reflete sobre o sentido de sua busca, que o levou a vagar por horas, sem comer nem beber, e finda por questionar o sentido vão de sua existência, em uma rotina sem sentido, automatizada e massificada, apenas uma peça na enorme engrenagem e percebe-se sozinho.

A solidão e o individualismo como reflexos do caos citadino trazido pelo novo modelo urbano são apresentados pelo artista moderno, pela primeira vez, nos escritos de Baudelaire, “com sua descoberta de que as multidões significam solidão e que os termos *multitude* e *solitude* são intercambiáveis para um poeta de imaginação fértil e ativa”, como mostra Hyde (1989, p. 275). Multidão, portanto, quando conectada ao homem moderno, implica, paradoxalmente, em um sentimento de solidão. No entanto, no conto de Ricardo Ramos, a multidão se apresenta por sua ausência e a solidão do personagem se manifesta pela impossibilidade de repartir sua experiência. Andara neste dia o que não andara em um ano, e constatava, na ausência de pessoas nas ruas, que não havia mais o hábito de se passear pela cidade, costume antigo, agora trocado pelas muitas distrações oferecidas pelas cidades e pelo ritmo alucinado de vida que distancia os homens uns dos outros, ilhando-os em uma solidão povoada, em um individualismo sem individualidade na sociedade massificada. É ainda Gomes (1994, p. 70) quem ressalta a análise que Georg Simmel faz da metrópole como um ambiente em que “as interações transitórias, fugazes e fortuitas se inscrevem e requerem somente parte da personalidade dos indivíduos para seu envolvimento”, se estabelecendo, assim, “como lugar de coletividades indefinidas, que pode gerar total *indiferença* de cada indivíduo para com o outro, na vida cotidiana, como traço de autopreservação”.

A cidade moderna, portanto, não fora feita para se passear. Essa constatação aturde o personagem, que, no seu ato solitário, percebe que sua inquietação e desconforto, inicialmente causados pelo som do pífano, é consequência dessa “infração” cometida, o andar amalucado, à solta pela cidade, sem explicação, levando-o ao temor de ser tomado por louco: “ninguém entenderia, ninguém poderia ao menos recordar. Seria tomado como louco, ele e seu absurdo...” (p. 97). A experiência a que o personagem se propõe, a busca por um som já há muito delegado no tempo, e, portanto, desconhecido de todos, não pode se estabelecer nessa coletividade destituída de memória. A essas experiências isoladas Benjamin denomina *Erlebnis*, experiência vivida, característica do indivíduo solitário, que se contrapõe àquelas experiências com o passado denominadas *Erfahrung*. Para ele, o enfraquecimento desta, em detrimento daquela, causa a desagregação e o esfacelamento social, sendo necessária, como

forma de reversão do quadro, a necessidade de sua reconstrução como garantia de uma memória e uma palavra comuns.

A tentativa dessa experiência pessoal dentro daquela inscrita na memória, e, portanto, na história, é confrontada pela impossibilidade através dos traços simbólicos representados pela cidade. O personagem, na sua busca, se confronta como que, pela primeira vez, com a estrutura que o cerca. Como um *flâneur* que tem o véu arrancado da frente dos olhos, percebe, então, a realidade em que está inserido: “Só quando esse véu se rasga e mostra ao *flâneur* “uma dessas praças populosas, que, durante os combates ficam vazias de gente” - só então, também ele, vê a cidade sem disfarces.” (BENJAMIN, 1989, p. 56). A perplexidade perante a cidade e sua inconformidade são reflexos da sua própria inquietação. A cidade como produto do homem, massificante e esmagadora, finda por transformar produtor em produto, fundindo as noções de causa e consequência: “O que estava errado, o que endireitar? A cidade ou ele?” (p. 97)

Essa posição frente à cidade, no entanto, é ambígua. O objeto de sua inconformidade é ao mesmo tempo produto de sua ambição, consequência do seu desejo de progresso: “Por que o verde, se dispunha de outras cores? Sorriu, cínico, as esquadrias brilhantes, os vidros foscos, os cortes das construções não lhe traziam uma nova beleza?” (p. 94) . Ali estava porque fora ali que desejara chegar, em um espaço e momento em que a tecnologia lhe propiciava uma condição de vida através do trabalho, na perspectiva de desenvolvimento e no desejo de progresso. O progresso, sinônimo de avanço, evolução e desenvolvimento, é visto por Benjamin como uma desordem que se constitui sobre as ruínas, na qual é feita a história: “uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e a dispersa a nossos pés” (BENJAMIN, 1994, p. 226), e frisa a percepção- a partir da visão do ajuntamento de edificações do imenso espaço da cidade de Paris, vista do Sacré-Coeur- dessa perspectiva negativa do progresso que Léon Daudet (*apud* BENJAMIN, 1989, p. 83) vê na ameaça das aglomerações humanas: “ Olha-se lá de cima para esse ajuntamento de palácios, monumentos, casas e barracos e se tem a sensação de que estão predestinados a uma ou mais catástrofes meteorológicas ou sociais”.

### 3. O reencontro com a origem

A destruição física decorrente do progresso, amiúde questionada pela preocupação ecológica, no entanto, não é o motivo da busca do personagem; a questão ecológica ficara na geração anterior, quando as pontes com o passado próximo ainda não tinham sido de todo rompidas. Inquietava-se entre a ambiguidade da necessidade que sentia do ambiente urbano e a súbita indisposição para com ele, causada pelas lembranças do avô que lhe incutiam

um desejo de um mundo que lhe era indesejado até então, contrário àquele que agora o consumia:

Precisava de bosques, florestas? Que ideia, tanto quanto de javalis para caçar ou de um retorno ao feudal. Ele senhor ou servo, não mais um indivíduo com profissão, deveres concretos, direitos difusos, no entanto um caminho cada vez mais fácil, e cômodo, e tranqüilo até o fim. Qual seria o seu fim? (p. 94).

Em meio as suas interrogações e dúvidas, caminha até um ponto muito afastado, ermo, um subúrbio desconhecido e distante, e entre as ruas desertas, avista, em um pequeno beco sem saída que lhe parecia ser a última das ruas, uma pequena praça e as árvores, um recanto esquecido, em uma sensação de fim de linha. Assim, entra na praça:

Foi entrando, entrava na praça, no tempo, atravessava os seus primeiros metros de relva, de areia, e assim cruzava um pórtico, uma época, ele via aquilo feito o resíduo, o resto do que nunca fora, um chamado para trás, tango, apelo doído e envolvendo e sincopado, o avô, o pai, os dois estavam ali, estavam no entanto mortos, suas vozes seus gestos, os termos e as feições, vibrando, impressos, o que permanece se achava ali, encontrara, aquele o lugar restando e intato (p. 98).

Tempo e espaço se reencontravam naquele pequeno quadrado da praça, resquícios de suas lembranças se fundem aos seus antepassados e a experiência se concretiza: vê as rendilhas que os ramos das árvores desenhavam no chão e escuta o som do pífano, em um crescendo. O menino com o pífano tocava e o fitava: “Um menino que a princípio não reconheceu, mas veio vindo, vagaroso, por álbuns de retratos, lembranças, espelhos, um velho menino seu” (p. 99). Trava, assim, um encontro entre si e sua origem, através do resgate da memória que possibilita a experiência do passado no presente, atrelando a sua identidade à tradição, restabelecendo-a.

### **Considerações finais**

Assim, através do confronto entre campo e cidade, presente e passado, permeado pela memória, estabelece-se a comparação entre transformação urbana e utopia rural, no paralelo que o personagem trava entre a sua condição real e presente, marcada pela insatisfação causada por sua percepção negativa do ambiente que o rodeia, a cidade moderna, e a lembrança já desfigurada pelo tempo e espaço de um mundo experimentado por seus antepassados. Dessa forma, o personagem estabelece um comparativo entre a confrontação de sua observação

do mundo urbano - representado pelo ritmo de vida da cidade moderna, ambiente de coletividades indefinidas, marcado por relações transitórias e fugazes que geram relações de indiferença entre os seus habitantes, resultando em indivíduos massificados e destituídos de identidade e na degradação e esfacelamento social -, e a rememoração de lembranças que se estabelece em seu monólogo interior. Nessa dualidade entre o físico e o emocional, presente e passado, mundo urbano e mundo rural, o personagem vai além de um mero posicionamento nostálgico ao buscar a possibilidade da experiência passada no presente como forma de resgate de uma continuidade já rompida ou em vias de rompimento, na tentativa de restabelecer a sua identidade.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Tradução Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Tradução José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução Vera da Costa e Silva. 18. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.
- CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de (Org.). *Literatura e história na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HYDE, G. M. A poesia da cidade. In: BADBURY, M.; McFARLANE, James. *Modernismo guia geral*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 275-284.
- RAMOS, Ricardo. *Melhores contos de Ricardo Ramos*. Seleção de Bella Jozef. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.